

## AVALIAÇÃO PLURAL PARA ALUNOS SINGULARES: PRÁTICAS AVALIATIVAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA QUE FAZ PARTE DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Isabella Almeida Nunes <sup>1</sup>  
Bruna Lourenção Zocaratto <sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu a partir de observações e notas de campo realizadas pela estudante-pesquisadora no contexto de formação de professores promovido pelo Edital Residência Pedagógica (CAPES nº 06/2018), em uma escola pública do Distrito Federal, em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Partindo de tais observações, observou-se, no contexto da Residência Pedagógica, nas turmas de Educação de Jovens e Adultos, que a avaliação se constitui como instrumento excludente para aqueles que, usualmente, não possuem êxito em provas escritas ou que não se encontram no nível da língua utilizada na prova - pois, ao final de cada bimestre, os estudantes são submetidos à uma semana de provas escritas que não compreendem outras habilidades além do *writing*.

Este estudo, portanto, objetiva compreender como uma prática avaliativa plural pode contribuir para o desenvolvimento das aprendizagens de sujeitos singulares. A fim de alcançar tais objetivos, será utilizado o método de pesquisa-ação (TRIPP, 2005, p. 445). Em uma primeira etapa, serão realizadas notas de campo das aulas observadas dentro do contexto da Residência Pedagógica e, posteriormente, um grupo focal com os estudantes e uma entrevista com o professor preceptor da Língua Inglesa, dando a eles a oportunidade de exporem suas experiências com diferentes instrumentos avaliativos e também de sugerirem aqueles que acreditam ser adequados levando em consideração a língua-alvo.

Em uma segunda etapa, serão elaborados dois instrumentos avaliativos a serem aplicados ao longo do segundo semestre de 2019 sendo que, em ambos, os estudantes receberão feedback ao longo de sua realização. No término da aplicação, os estudantes serão convidados novamente à participarem de um segundo grupo focal para exporem suas impressões sobre os instrumentos e as etapas incluídas em cada um deles. O professor também será convidado para uma entrevista final, tendo a chance de apontar questões positivas e/ou negativas que observou ao longo da aplicação da pesquisa.

Espera-se, com os resultados alcançados por este estudo, que os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem da escola onde a Residência Pedagógica está sendo realizada desenvolvam autonomia quanto ao processo avaliativo que realizam ou a que são submetidos. Quanto aos impactos esperados dentro da realidade do curso de Licenciatura em Letras - Inglês onde a estudante-pesquisadora está inserida, espera-se que este trabalho possa inspirar seus colegas a buscarem se reinventar em suas práticas e a olharem o processo avaliativo como aliado ao processo de ensino-aprendizagem e vendo nele infinitas possibilidades para aprimorar os trabalhos que realizam dentro e fora do contexto de sua formação.

### METODOLOGIA

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras - Inglês do Instituto Federal de Brasília - IFB, [isabella.nunes@gmail.com](mailto:isabella.nunes@gmail.com);

<sup>2</sup> Orientadora: Prof. Dra. Bruna Lourenção Zocaratto, Instituto Federal de Brasília - IFB, [bruna.zocaratto@ifb.edu.br](mailto:bruna.zocaratto@ifb.edu.br);

O presente estudo configura-se como uma pesquisa-ação, sendo que esta pode ser compreendida como uma “estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos” (TRIPP, 2005, p. 445), se valendo de técnicas de pesquisa consagradas “para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática” (ibidem). Os participantes da pesquisa são um grupo de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola do Distrito Federal, bem como seu professor de Língua Inglesa.

Para dar início ao estudo, serão realizadas notas de campo a partir da observação de aulas da Língua Inglesa onde a pesquisa será realizada e, em seguida, a análise das mesmas. A partir das notas de campo tomadas, será realizada uma entrevista com o professor de LE e um grupo focal com estudantes pré-selecionados. Durante a realização do grupo focal, os estudantes terão a chance de contribuir para o processo avaliativo, sugerindo instrumentos que consideram adequados para a aprendizagem da Língua Inglesa, além de compartilharem suas experiências quanto aos mesmos. O registro da entrevista e do grupo focal será realizado através da gravação de áudio e, posteriormente, de sua transcrição.

Em uma segunda etapa, partindo das inquietações e sugestões apresentadas pelos estudantes e pelo professor, serão elaborados dois instrumentos avaliativos a serem aplicados ao longo do segundo semestre de 2019. Destaca-se, contudo, que o objetivo desta etapa não é ignorar o trabalho que está sendo desenvolvido pelo professor ou os conteúdos que este planejou para a turma onde esta pesquisa será aplicada, mas sim de associar tal planejamento e conteúdos à práticas avaliativas conscientes e que incluam os sujeitos que serão avaliados; deixando assim, ao final da pesquisa, instrumentos que possam ser utilizados pelo professor para a promoção da aprendizagem dos estudantes e para a reflexão de sua própria prática.

A escolha de dois instrumentos avaliativos foi realizada por considerar que, geralmente, o segundo semestre do ano letivo é mais curto e o objetivo deste trabalho não é sobrecarregar os estudantes com diversas atividades, mas de proporcionar a eles, independente da quantidade de instrumentos, *feedback* em todas as etapas destes. Além disso, considerou-se também que, ao final da aplicação, os estudantes serão convidados novamente à participarem de um segundo grupo focal para exporem suas impressões sobre os instrumentos e as etapas incluídas em cada um deles. O professor também será convidado para uma entrevista final, tendo a chance de apontar questões positivas e/ou negativas que observou ao longo da aplicação da pesquisa.

## DESENVOLVIMENTO

Sabemos que há anos a avaliação é compreendida como o meio que os professores e a escola utilizam para “aprovar” ou “reprovar” os estudantes (VILLAS BOAS; B., 1998). Isso, por si só já se constitui em um problema por pensarmos na avaliação de forma tão limitada. Entretanto, o problema pode ir ainda além quando nos referimos à avaliação da Língua Inglesa.

Isso porque, quando tratamos da Língua Inglesa, tratamos de uma língua estrangeira em que nem todos os estudantes têm acesso às condições consideradas ideais para o desenvolvimento das quatro habilidades. Não se pode esperar que os, muito comuns, 90 minutos de aula por semana resolvam o problema de proficiência de todos os alunos em sala ou os iguale no mesmo nível de conhecimento da língua.

Partindo de questões como as apresentadas acima, observou-se, no contexto da Residência Pedagógica em uma escola pública, nas turmas de Educação para Jovens e Adultos, que a avaliação se constitui como instrumento excludente para aqueles que, usualmente, não possuem êxito em provas escritas ou que não se encontram no nível da língua

utilizado na prova - pois, ao final de cada bimestre, os estudantes são submetidos à uma semana de provas escritas que não compreendem outras habilidades além do *writing*.

Instrumentos avaliativos focalizados apenas em uma habilidade linguística (neste caso, *writing*), podem impedir que os estudantes utilizem a prova como instrumento de aprendizagem e que os professores a utilizem como instrumento para planejamento de sua prática pedagógica. Se os estudantes, por exemplo, possuírem conhecimento de vocabulário, tempos verbais, pontos gramaticais e habilidades da língua diferentes daqueles trabalhados em sala de aula, nunca terão a oportunidade de mostrar ao seu professor o ponto em que estão para que o próximo passo seja planejado. Quanto a isso, Villas Boas; B. (1998, p. 20) defende que

um trabalho pedagógico comprometido com a construção da aprendizagem por todos os alunos faz uso de procedimentos didáticos e práticas avaliativas que considerem os vários estilos de aprendizagem e as diferentes linguagens.

Logo, quando não são dadas tais oportunidades aos estudantes, fica claro que esquecemos o papel fundamental da avaliação: auxiliar a aprendizagem.

No processo avaliativo, o último ponto a ser considerado são os resultados e o primeiro são os sujeitos avaliados; contudo, essa dinâmica não têm sido considerada e o resultado são instrumentos produzidos unicamente para colocar o aluno em “cheque”, e não auxiliá-lo no processo de ensino-aprendizagem como um todo. Nos esquecemos de, de fato, avaliá-lo.

Compreende-se, portanto, no contexto da EJA, que uma avaliação de Língua Inglesa sem significado e que não corresponde à realidade dos estudantes irá, fatalmente, contribuir para os altos índices de reprovação na Língua Estrangeira por alunos que não possuem conhecimentos básicos dos conteúdos, que há muito não participam do contexto escolar ou que já foram reprovados diversas outras vezes pelos mesmos instrumentos que tinham como principal preocupação a mensuração da nota e não o auxílio do processo de ensino-aprendizagem.

No ano de 2018, na escola pública onde a Residência Pedagógica está sendo realizada, dos 198 estudantes matriculados em diferentes turmas no Ensino Médio/EJA, 98 foram reprovados em Língua Inglesa. Esse dado aponta para o que autores como Villas Boas; B. (1998) e Brown e Abeywickrama (2010) tentam nos alertar há algum tempo: a avaliação precisa ser repensada e melhor planejada.

Conforme previsto no Edital nº 06/2018 da CAPES, um dos objetivos da Residência Pedagógica é

aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias.

Logo, desde o início da RP (Residência Pedagógica), esperava-se que os residentes não apenas observassem, mas agissem sobre o ambiente no qual seriam inseridos por um ano e meio. Sabendo disso, a pesquisadora procurou por práticas que poderiam ser aperfeiçoadas ou inseridas em sala de aula em conjunto com o professor preceptor da escola onde a residência estava sendo realizada. A partir de tais observações, foi possível perceber a necessidade de instrumentos avaliativos variados, que considerassem os vários estilos de aprendizagem e as diferentes linguagens (VILLAS BOAS; B., 1998).

A importância deste trabalho, portanto, parte de sua preocupação em não contribuir apenas com discursos que enfatizam as dificuldades encontradas em sala de aula, mas em tentar, de fato, transformar tais dificuldades em ações interventivas de forma a solucioná-los. Quanto a isso, destaca-se que

No planejamento, devemos considerar as condições reais sem tomá-las como obstáculos para a busca de soluções dos problemas e a tomada de decisões. Isso porque nem sempre as condições reais são as ideias; no entanto, estas não devem conduzir ao imobilismo. (SILVA, 2018, p. 27)

Entende-se aqui, assim como Silva, a importância de enxergar a realidade da escola de forma real e inspiradora para a ação pedagógica.

### **Diretrizes de avaliação educacional**

A partir da contextualização do ambiente apresentado acima, é interessante olharmos para os documentos legais procurando entender como eles abordam tal temática. Este tópico, portanto, volta a atenção para as Diretrizes de Avaliação Educacional (DISTRITO FEDERAL, 2014) que objetivam

organizar e envolver - de maneira articulada - os três níveis de avaliação: aprendizagem, institucional e em larga escala (ou de redes), tendo a função formativa como indutora dos processos que atravessam esses três níveis por comprometer-se com a garantia das aprendizagens de todos (p. 9-10)

Podemos entender, a partir deste trecho, que as diretrizes que norteiam o processo avaliativo, se voltam para a visão de avaliação formativa.

Contudo, entender a importância de um processo avaliativo formativo não significa que, conseqüentemente, os professores o colocarão em prática. No contexto da Educação de Jovens e Adultos, por exemplo, os docentes podem ter dificuldade em conseguir articular tal processo em turmas onde a heterogeneidade dos estudantes é bem maior do que em turmas de ensino regular. Pensando nisso é que as diretrizes sugerem instrumentos e procedimentos específicos para tal etapa, reiterando que

Na Educação de Jovens e Adultos - EJA, a avaliação escolar, em seus diferentes processos e espaços, não deve reiterar as exclusões a que esse público foi submetido ao longo dos tempos. Portanto, destaca-se que a avaliação formativa é aquela que encoraja, orienta, informa e conduz os sujeitos sociais (jovens, adultos e idosos) dessa etapa em uma perspectiva contínua que estimule a autorregulação de suas aprendizagens. Para tanto, são utilizados instrumentos e procedimentos avaliativos que compreendam e reconheçam os saberes adquiridos a partir das trajetórias de vida dos estudantes e de suas relações com o mundo de trabalho. (p. 25-26)

A partir disso, o texto orienta que docentes se valham de memoriais analítico-reflexivos que podem ser incorporados ao portfólio ou a outro instrumento que o professor desejar, articulando os conhecimentos construídos na escola com aqueles trazidos pelos estudantes.

Voltando essa perspectiva para a avaliação em Língua Inglesa e pensando nos altos níveis de reprovação nesta matéria no contexto da EJA, é preciso refletir sobre as exclusões promovidas por instrumentos que visam unicamente a mensuração do conhecimento adquirido pelo estudante sem promover a aprendizagem a partir deles. Quanto a isso, Brown e Abeywickrama (2010) destacam que tais instrumentos dificilmente apontarão para um progresso futuro, fazendo com que os estudantes continuem reafirmando suas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem da Língua Inglesa, sem possuírem a chance de superá-las. Pensando nisso, é possível compreender a importância do planejamento da avaliação pois, só a partir da reflexão do significado desta para o processo de ensino-aprendizagem, é que conseguiremos atingir os objetivos apresentados pelas Diretrizes de Avaliação Educacional.

### **O planejamento da avaliação**

Autores como Villas Boas; B. (1998) destacam que

o ensino coletivo, isto é, não-diferenciado, em que todos aprendem os mesmos conteúdos, da mesma forma e ao mesmo tempo, muito comum nas escolas brasileiras, até mesmo por imposição da arquitetura escolar, representa o que o nosso regime social requer: aprendizagem para aqueles que conseguem se manter no sistema de ensino (p. 21).

Por meio do planejamento da avaliação como integrante da proposta pedagógica da escola como um todo e da sala de aula, é possível superarmos a avaliação “classificatória, seletiva, autoritária e punitiva” (p. 20) muito comumente encontradas nas escolas.

Arelada a esta visão, Scaramucci (2006) acredita que, pensar na avaliação desde o início do processo de ensino-aprendizagem é fundamental na definição não apenas do ponto de chegada ou dos objetivos a serem alcançados, mas sobretudo, do ponto de partida, sendo contrária a visão apresentada por Almeida Filho (1993) no início desta sessão. A partir das perspectivas de ambas autoras, entendemos que a avaliação não pode ser realizada de forma mecânica, quase como parte de um ritual que nunca muda e nunca evolui; pelo contrário, a avaliação deve quebrar rituais, inquietando os professores a partir das observações realizadas através dela e dos resultados que esta apresenta.

Villas Boas; B. (1998) apresenta, quanto a isso, aspectos que devem ser examinados na tomada de decisão do processo avaliativo, sendo eles: (1) significado; (2) finalidades; (3) alvo; (4) conteúdo; (5) quem tomará decisões quanto à avaliação; (6) critérios; (7) procedimentos e modalidades de avaliação e; (8) uso dos resultados obtidos. Quando não levamos em consideração esses oito aspectos levantados por Villas Boas, dificilmente conseguiremos romper com o movimento de exclusão que os processos avaliativos puramente somativos têm exercido ao longo dos anos.

O planejamento da avaliação é o único caminho que promoverá as aprendizagens e que nos permitirá olhar para os estudantes em suas individualidades. Além disso, planejar nos fará parar de enxergar a avaliação como o problema, e nos ajudará a olhar para ela como “portadora de grande parte das soluções pelo poder nela investido e pela capacidade de exercer, potencialmente, um impacto positivo no ensino, definindo, redefinindo ou reforçando objetivos, conteúdos ou habilidades consideradas desejáveis” (SCARAMUCCI, 2006). O planejamento comprometido nos lembrará que avaliação e aprendizagem andam de mãos dadas.

## RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se, a partir deste trabalho, que os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem da escola onde a Residência Pedagógica está sendo realizada desenvolvam autonomia quanto ao processo avaliativo que realizam ou a que são submetidos. Além disso, espera-se também que os estudantes possam ser sujeitos ativos neste processo, agindo sobre ele e, quando necessário, transformando-o. Contudo, não se busca aqui oferecer um método “ideal” de se avaliar ou critérios perfeitos a serem utilizados no processo avaliativo; mas sim, a partir da realidade da escola-campo, auxiliar o docente e seus educandos neste processo tornando-o mais leve e significativo.

Quanto aos impactos esperados dentro da realidade do curso de Licenciatura em Letras - Inglês onde a estudante-pesquisadora está inserida, espera-se que este trabalho possa inspirar seus colegas a buscarem se reinventar em suas práticas e a olharem o processo avaliativo como aliado ao processo de ensino-aprendizagem e vendo nele infinitas possibilidades para aprimorar os trabalhos que realização dentro e fora do contexto de sua formação.

**Palavras-chave:** Avaliação; Educação de Jovens e Adultos; Residência Pedagógica; Ensino de Língua Inglesa.

## REFERÊNCIAS

DISTRITO FEDERAL. **Diretrizes de Avaliação Educacional: Aprendizagem, institucional e em larga escala de 2014-2016**. Brasília-DF: SEEDF, 2014. Disponível em: <[http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/diretrizes\\_avaliacao\\_educacional.pdf](http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/diretrizes_avaliacao_educacional.pdf)>. Acesso em 10 de ago. de 2019.

BROWN, H. D.; ABEYWICKRAMA, P. **Language assessment: Principles and Classroom Practice**. New York: Pearson Longman, 2010.

CAPES. **Programa de Residência Pedagógica**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>>. Acesso em 10 de ago. de 2019.

SCARAMUCCI, Matilde V. Ricardi. **O professor avaliador: sobre a importância da avaliação na formação do professor de língua estrangeira**. In: Rottava, L. (org.). (Org.). Ensino-aprendizagem de Línguas: Língua Estrangeira. 1ed. Ijuí: Editora da UNIJUI, 2006, v. 1, p. 49-64.

SILVA, Edileuza Fernandes *et al.* **O planejamento no contexto escolar: Pela qualificação do trabalho docente e discente**. São Paulo: Papirus, 2017.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e pesquisa, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas *et al.* **As práticas avaliativas e a organização do trabalho pedagógico**. 1993.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas Villas. **Planejamento da avaliação escolar**. Pró-posições, v. 9, n. 3, p. 19-27, 1998.

VILLAS BOAS, Benigna *et al.* **Avaliação: Interações com o trabalho pedagógico**. São Paulo: Papirus, 2017.

VILLAS BOAS, Isabela F. *et al.* **Avaliação em línguas estrangeiras: Desatando alguns nós**. São Paulo: Papirus, 2017.

WREN, D. **Using formative assessment to increase learning**. Research brief: Report from the Department of Research, Evaluation and Assessment. Virginia, 2012.